

Anexo I

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

Gestoras

Escola Secundária com 3º CEB do Fundão

Ana Maria Ribeiro da Cruz
Diana Patrícia Henriques Fernandes
Joana Catarina Mendes de Carvalho
Maria Raquel Martins Maranhas

Dezembro de 2011

1 E o Euro?

Personagens: Família natural do Fundão, no distrito de Castelo Branco; emigrantes desde finais de 2011; atualmente residem em Berna, na Suíça.

João Coelho - tem 40 anos, é licenciado em Gestão, ex-empresário, na indústria de acessórios para calçado e outros produtos de pele; no presente trabalha como mediador de seguros.

Maria Coelho - tem 40 anos, licenciada em contabilidade, era Técnica Oficial de Contas; atualmente trabalha num jardim-de-infância.

Ana Coelho - tem 9 anos; nasceu a 2 de junho de 2016 na Suíça.

Andreia Coelho - tem 16 anos, nasceu a 16 de julho de 2009 em Portugal; frequenta o ensino secundário na vertente profissional na área de Gestão e quer seguir Gestão no futuro.

Tempo da ação: 14 de dezembro de 2025

Espaço: casa da família

Cenário: uma sala com traços modernos, sofás, televisão,...

Peça num só ato.

E o Euro?

(A família, num domingo à tarde, encontra-se na sala de estar com o seu televisor ligado na RTP Internacional, no decorrer do noticiário.)

Voz off do televisor – “Os sinais de crise económica recomeçam. Uma fábrica de mobiliário no Norte do país acaba de fechar portas, deixando 150 trabalhadores no desemprego.”

(João levanta-se subitamente do sofá, e após um murmúrio entre dentes, desliga o televisor.)

Ana – Pai, o que te aborreceu?

Maria – Querida, estas notícias fazem lembrar tempos difíceis.

Ana – Que tempos?

(Maria, hesitante, responde.)

Maria – Quando vivíamos na terra dos avós, no Fundão, há 14 anos, passamos por algo parecido. Encerramento da fábrica do avô, crise, pessoas desempregadas,...

João – Foi uma decisão difícil de tomar, quando encerramos a nossa fábrica ficaram no desemprego 10 trabalhadores e é uma coisa que pesa na consciência. O dinheiro começou a escassear e as dívidas começaram a aumentar. Tínhamos cada vez menos encomendas, a economia não crescia, deixámos de ter dinheiro para pagar aos credores e aos trabalhadores. Enfim, o país entrou numa profunda recessão.

Andreia - Pai, achas mesmo que a Ana compreende essas palavras?! Até eu demorei a entendê-las.

João – Sabem que para gerir um negócio é preciso contratar trabalhadores, comprar matérias-primas e para tudo isso é necessário dinheiro. E, não nos podemos esquecer da concorrência.

Maria – Andreia, antes de Portugal entrar para a União Europeia a empresa era familiar, o negócio começou a crescer e tivemos de contratar colaboradores. Passados alguns anos, com a liberalização do comércio internacional, e com a crescente globalização, a concorrência intensificou-se, surgiram no mercado países mais competitivos, os chamados países emergentes. As empresas começaram a deslocalizar-se para locais com menores custos de produção.

Andreia – Mas, não foi só isso que aconteceu... Ainda no outro dia, numa aula de Economia, se falou da crise de 2008, das dívidas soberanas, da crise do euro, ...

Ana - Então e porque é que não foram buscar mais dinheiro ao banco?

João - Ana, os bancos emprestam dinheiro quando têm a certeza que o recuperam e com lucro.

Maria – Ah, mas nem sempre os bancos têm dinheiro!

Ana – O quê?!

Andreia – Sabes que, os bancos também pedem dinheiro a outros bancos.

Maria – Então se andaste a estudar deves saber que a crise do euro, em 2011/2012, esteve muito associada à dificuldade das autoridades monetárias europeias conseguirem ter um papel ativo e flexível nesse financiamento.

João – Mas olhem que, para além do custo do dinheiro, o apoio do Estado estava fora de questão. Não só o apoio direto, mas também, o apoio genérico à economia.

Maria – Ah, o Estado, esse só aparecia para cobrar impostos...

Andreia – E não só ... A austeridade, dizem os livros, tornou-se geral.

João – Sim, e com o agravamento da dívida pública e do défice orçamental, o estado teve que pedir ajuda externa, que obrigou o governo a tomar certas medidas que pioraram a qualidade de vida dos cidadãos.

Maria – Começaram por congelar salários, seguido de um corte de subsídios. Nos hospitais as taxas moderadoras dispararam, assumindo valores nunca antes vistos. Os serviços públicos foram os que mais sentiram as medidas impostas pelo estrangeiro sendo que perderam certas regalias que antigamente tinham. A qualidade de vida certamente piorou para toda a gente.

Ana – Mãe mas quem é esse estrangeiro de que vocês falam? Porque é que foram as pessoas a pagar?! Parece que a culpa foi delas...

Maria – O estrangeiro? O estrangeiro aqui são os bancos internacionais que ajudam os países em caso de dificuldade. Foram os chamados Fundo Monetário Internacional, FMI, e o tal FEEF, Fundo Europeu de Estabilização Financeira.

Andreia – Sabes, quando estes organismos ajudam, obrigam o estado a gastar menos e o estado ao gastar menos, têm de o ir buscar ao bolso dos contribuintes.

Ana – Então e os contribuintes são as pessoas?

João – Sim, mas Ana, antes da crise as pessoas compravam tudo o que queriam sem olhar ao dinheiro que tinham, ou que poderiam vir a ter no futuro. Compraram casas, carros sem ter o dinheiro e por isso recorreram ao crédito, porque o dinheiro era barato. Com o início da crise os juros aumentaram e a população deixou de ter dinheiro para pagar os seus empréstimos e muitas perderam as suas casas, os seu carros,...

Maria – Muitas pessoas acabaram por se dedicar a atividades paralelas, a biscates, a vários empregos, enfim... a ter menos dinheiro e diferentes hábitos.

Andreia – A culpa não é só das pessoas. Fogo! Acusam sempre as pessoas de tudo. Eu aprendi na escola que esses problemas todos de que vocês falam já vinham da crise do subprime. Isto para não falar da Moody's, Standard & Poor's, da Fitch,...

Ana – Lá estão vocês com essas palavras esquisitas!

João – Andreia, achas que tinha corrido melhor com os mercados financeiros regulados pelo Estado?

Andreia – Então mas não é o que se vê agora?! Hoje em dia é mais difícil agir sem ética, ser corrupto!

Maria – Os mercados mais regulados foram a única saída, mas não só. Eu só me vou reformar aos 68 anos, sem a pensão completa, e não é só por causa do envelhecimento populacional... Sabes que em Portugal, os teus avós pagam a saúde como eu nunca paguei quando lá vivíamos...

João - E os teus primos já andam no ensino superior mas vão pagar o curso muito mais caro do que eu o paguei...

Andreia – As pessoas, hoje em dia, têm diferentes hábitos de consumo dando mais importância à poupança, têm mais cuidado a preparar a sua reforma, ...

João – Filhas, por tudo isto, temos feito tudo para garantir que vocês não vão passar por estas dificuldades.

Maria – Por isso é que a vossa educação tem de ser de qualidade.

Ana – Então mas afinal ainda há euro?

Maria – Claro que sim filha.

Ana – Quantos países fazem parte?

Andreia – Seis...

Ana – Quais?

2 Referências

<http://topicos.jornaldenegocios.pt/BCE>

<http://www.pneteconomia.pt/>

<http://vistodaeconomia.blogspot.com/>

3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa Gestoras declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.